

A construção de conhecimentos históricos entre a linguagem oral e escrita

CAROLINE MATOS SANTOS

LAÍS SOUZA DA SILVA*

RESUMO: O trabalho se propõe a apresentar uma reflexão sobre trabalho realizado no escopo do Projeto Pibid CAPES UERJ, no primeiro semestre de 2012 no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente em turmas de 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Doutor Adino Xavier, por licenciandos da área de História da UERJ-FFP. Houve o levantamento de problemáticas do ensino e aprendizagem de História e a seguir foi realizado, a partir de uma sequência didática elaborada pela professora das turmas e das bolsistas, um júri simulado sobre as motivações da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808. O trabalho reflete sobre as relações entre a linguagem escrita e oral ao longo dessa atividade.

Palavras Chave: Cotidiano escolar; Problemáticas do ensino e aprendizagem de História; Júri simulado; Apropriação; Expressão.

ABSTRACT: This paper aims to present a reflection on the work done in the scope of Project Pibid CAPES UERJ in the first half of 2012 in the state of Rio de Janeiro, more precisely in classes of 2nd year of high school in State College Dr. Adino Xavier licensed by the area's history UERJ-FFP. From the survey of issues of teaching and learning history, was performed from a teaching sequence designed by the teacher and the classes of Fellows, a moot court on the motivations of the arrival of the Portuguese royal family to Brazil in 1808. The work reflects on the relationship between written and spoken language throughout this activity.

Keywords: Everyday school; Issues of teaching and learning history; Juri simulated; Apprriation; Expression.

1. Introdução:

*Licenciandas em História na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, orientadas por Helenice Rochadoutora em Educação pela UFF em Subprojeto de Licenciatura em História do PIBID financiado pela CAPES.

As reflexões apresentadas nesse artigo resultam de estudos na área de ensino-pesquisa do subprojeto de Licenciatura em História do PIBID financiado pela CAPES e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O projeto tem como objetivo inserir bolsistas licenciandos na rotina da sala de aula, ou melhor, no cotidiano escolar, para que estes realizem pesquisas através de observações minuciosas, de maneira que contribuam com alternativas para resolução de problemas no ensino e aprendizagem de História. Pois o subprojeto observa “o ensino e aprendizagem como resultado da interação pela e na linguagem, em que diversas linguagens verbais e não verbais proporcionam o ensino e a aprendizagem também diferenciados na escola e fora dela”.

O subprojeto teve seu início no segundo semestre de 2011 e aconteceu de forma alternada em três séries diferentes do ensino básico do Colégio Estadual Adino Xavier, localizado no município de São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro para observação e interação dos alunos com o cotidiano escolar, duas destas séries no Ensino Fundamental e uma no Ensino Médio. Três grupos de bolsistas se revezaram nessas três séries sob a supervisão de três professoras da escola.

No caso específico de nossa inserção nas turmas de Ensino Médio que será analisada no escopo deste trabalho, a nossa presença e atividades foram divididas em duas partes. A primeira foi realizada durante os três primeiros meses, em que nos ambientamos às turmas e interagimos de forma discreta, observando as práticas pedagógicas utilizadas pela professora. Este momento inicial foi de suma importância, pois além de gerar um reconhecimento entre alunos, bolsistas e professora, foi possível também diagnosticar a problemática que poderia orientar nossas propostas e interações no restante do semestre. Ao final deste construímos atividades de acordo com as possibilidades da turma, para tentar encontrar uma nova resolução para os problemas na área de ensino e aprendizagem de História.

No primeiro semestre de 2012 frequentamos e observamos turmas do segundo ano do Ensino Médio, supervisionados pela professora Maria José Guimarães que ministrava as aulas de História. Em nossas primeiras observações nas turmas percebemos que os alunos se mostravam um tanto apáticos só se expressando poucas vezes quando provocados pela professora ou quando apresentados a eles discussões de seu cotidiano. Por eles se mostrarem dessa forma, não conseguimos visualizar com mais profundidade suas dificuldades, assim na época orientados pela coordenadora do projeto, apresentamos uma atividade para que eles se

3

expressassem através da escrita. A partir deste ponto cumprimos nossa primeira meta que era observar as dificuldades dos alunos na turma, tanto na hora em que eles estavam realizando o exercício, onde nós observávamos e tirávamos possíveis dúvidas, quanto na hora em que levamos este mesmo exercício para casa para correção.

Na atividade observamos que os alunos para responderem, reproduziam parcialmente o que ouviam em exposições orais da professora ou mesmo do próprio livro didático, e que tinham dificuldades na verbalização e na elaboração de respostas pessoais relacionadas ao que eles haviam aprendido em aulas anteriores, como por exemplo, em questão respondida por aluno, junto com trecho de Livro didático utilizado pela turma:

“A burguesia queria romper radicalmente com as estruturas do antigo regime notadamente em seus aspectos políticos e econômicos, eliminando o absolutismo e o mercantilismo.”¹

economia. Os resquícios feudais foram abolidos e, dessa forma, uma nova situação econômico-social se instalou, caracterizada fundamentalmente pela vitória da visão de mundo da burguesia. Ou seja: as revoluções burguesas foram os movimentos que romperam radicalmente com as estruturas do Antigo Regime, notadamente em seus aspectos políticos e econômicos, eliminando o Absolutismo e o Mercantilismo. A burguesia nem

Trecho sublinhado de cópia do livro didático: “as revoluções burguesas foram os movimentos que romperam radicalmente com as estruturas do Antigo Regime, notadamente em seus aspectos políticos e econômicos, eliminando o Absolutismo e o Mercantilismo.” (FARIA; MIRANDA e CAMPOS, 2010:21)

Resolvemos então realizar uma atividade que os estimulasse a se expressar, confiando nas suas respostas pessoais, porém sem esquecer que esta tinha que ter um embasamento histórico para ser declarada através da escrita ou da oralidade, sendo esta a forma de linguagem que eles utilizaram no trabalho, pois segundo Marcuschi e Dionísio “a língua é

¹Transcrição de resposta de aluno em exercício realizado no dia 22/03/2012 no C.E. Dr Adino Xavier.

4

uma prática social que produz e organiza formas de conhecimento”(MARCUSCHI, 2005: 15-45), e mais, Coll e Orunbia afirmam que contribui para o aparecimento e organização de uma atividade conjunta com a linguagem, conforme trecho citado abaixo:

"[...] o discurso é concebido como fazendo parte da atividade conjunta - ou seja, como atividade discursiva - de maneira tal que a compreensão do seu papel nos processos de construção de significados compartilhados entre professor e alunos de situar-se dentro do modelo mais amplo de sua contribuição para o aparecimento e organização dessa atividade conjunta." (COLL e ONRUBIA, 1998:75-104)

2. Desenvolvimento da atividade e conclusões:

A atividade proposta nas turmas de segundo ano foi a realização de um debate no formato de júri simulado, sobre o tema "A vinda da Família Real para o Brasil". Com o objetivo de estimulá-los a se expressar, e para prepará-los para o debate levamos leituras sobre o mesmo tema com duas visões históricas diferentes para o mesmo fato, sem que um destes fosse necessariamente e completamente errado, estimulando assim a compreensão e expressão dos alunos individualmente.

Outra preocupação foi o de favorecer sua consciência sobre as diferenças da expressão escrita e oral, de forma que a compreensão da linguagem falada recebe alterações na hora da escrita e evidenciando que a variante linguística utilizada em um debate é a variante mais aproximada da linguagem formal, pois a língua obedece a um conjunto de regras que lhe subjazem. Senão, segundo Marcuschi e Dionisio “não entenderíamos as pessoas”(MARCUSCHI, 2005: 15-45).

A preparação da atividade começou na semana anterior ao debate com os bolsistas entregando para alunos os documentos principais que serviriam de auxílio e embasamento para o mesmo. O material era composto por três textos, em que os dois primeiros eram artigos que recebiam os títulos de “Saída pelo mar” escrito por Marieta Carvalho e “Como a ausência da corte portuguesa afetou os rumos da Europa?” cujos autores eram José Cardoso, Patrick Wilcken e Arnelle Enders, divulgados e impressos pela Revista da Biblioteca Nacional na edição de Janeiro de 2008 e o último um texto complementar produzido por bolsistas que trazia um contexto geral sobre o conteúdo. Os bolsistas aproveitaram o momento de entrega

para refletir e revisar com alunos conteúdo e explicar-lhes que os artigos contemplavam duas visões diferentes das motivações da vinda da família real que haveriam de ser debatidos durante o trabalho.

A turma foi dividida em dois grupos opostos, ao primeiro coube defender a vinda da Família Real para o Brasil como uma fuga da Corte e abandono de Portugal, e ao segundo de que a vinda da Família Real para o Brasil foi uma saída planejada de Portugal que geraria inovações à colônia. Cada um desses grupos era representado no debate por cinco alunos, sendo estes os principais debatedores dos grupos.

Com base em Rui Trindade e Ariana Cosme realizamos um roteiro que ia de escolha e entrega de documentos aos alunos, até a realização e explicação do debate por partes no dia da aula, que foi também ministrada por um bolsista, pois segundo autores:

“os trabalhos de grupo a serem desenvolvidos pelos alunos podem constituir um momento interessante e pertinente de trabalho, desde que os alunos possam aprender a organiza-se para trabalhar em grupo, a tomar decisões relativas ao desenvolvimento e à monitorização do processo ou a avaliar os conteúdos do trabalho que vai sendo produzido”. (TRINDADE e COSME, 2010: 89-172)

Outra parte da organização da aula foi a de, além de escolher grupos de debatedores, escolher também uma banca examinadora que não somente escolheu o vencedor do debate, como também questionou seus debatedores. A banca foi formada pela professora e por outros quatro alunos da turma.

O subgrupo apresentou no mês de junho a atividade do debate, que ocorreu com o seguinte roteiro: em um primeiro momento houve a apresentação do bolsista que ministrou aula, da banca e dos representantes dos grupos, depois foi aberto um período de três minutos para que cada grupo apresentasse seus argumentos. A segunda fase do debate foi aberto para os grupos contra argumentarem com o grupo oposto tendo dois minutos cada, com direito à replica e a tréplica, na terceira fase se abriu espaço para a banca examinadora fazer suas perguntas a cada um dos grupos para tirar as dúvidas que ainda tinham antes de votar. E também, para que o restante do grupo também participasse, trazendo questões para o outro grupo e auxiliando os representantes de seu grupo a responderem às questões, e por último foi concedido um tempo para a banca examinadora se reunir e apresentar o grupo vencedor

explicando porque o escolheu.

No começo do debate os alunos se mostraram um pouco tímidos, como quase sempre acontece quando alunos vão apresentar trabalhos, mas com o correr do debate com os questionamentos que iam sendo levantados, os alunos enriqueceram suas argumentações a cada momento, de forma que aprimoravam suas ideias e argumentavam cada vez mais. Durante o debate também notamos que os alunos se apropriaram bastante das falas que a professora Maria José utilizou para ministrar as aulas ao longo dos bimestres passados, como por exemplo, em uma aula a professora explicou o avanço das tropas napoleônicas pelos países europeus e o Bloqueio Continental. Ela disse para que os alunos entendessem melhor que “a França estava ‘dominando’ toda a Europa que a Inglaterra era a ‘pedra no sapato deles’...”². Outra apropriação também realizada por alunos baseada em aulas da professora que pode ser utilizada como exemplo, foi sobre os planejamentos de Portugal de fundar sua metrópole no Brasil, devido seu lucro, mesmo séculos antes de acontecer de fato, concluindo os alunos em aula durante o debate em que defendiam a vinda da família real como uma estratégia, que este foi “o momento certo para Portugal realizar seus planos, quando Napoleão pressionou Portugal”³, assim esses alunos utilizaram-se da base oferecida pela professora para concluir suas opiniões. Em determinados momentos da atividade, ao finalizar algum argumento os alunos reiteraram com a frase “... como a Zezé falou.”⁴, se referindo à professora Maria José nas aulas anteriores. Acreditamos que os alunos se apropriaram de algumas dessas falas da professora, não só para que pudessem se expressar melhor, mas também porque, ao aproximar o fato histórico de “sua” realidade, os alunos assimilam melhor o que visavam exemplificar. Segundo Marcuschi e Dionisio “nossa forma de agir é muito determinada por nossa realidade histórica”(MARCUSCHI, 2005: 15-45).

Apropriação distinta da professora feita por alunos em debate foi em relação a sua própria realidade, trazendo coisas vistas e vívidas durante sua experiência pessoal para as argumentações na aula. Isto ficou claro quando um aluno tentou exemplificar que a vinda da família real para o Brasil foi uma estratégia, utilizando como base para sua argumentação os navios no período da vinda da família real, segundo ele “o transporte naval não era muito bom e confortável segundo nossas concepções, por causa da realidade da época, por isso não dá

²C.E. Dr Adino Xavier em 13/06/2012. Registro escolar: Caderno de campo.

³C.E. Dr Adino Xavier em 13/06/2012. Registro escolar: Caderno de campo.

⁴C.E. Dr Adino Xavier em 13/06/2012. Registro escolar: Caderno de campo.

7

para comparar os navios da época, com os luxuosos transatlânticos de cruzeiro da MSC de hoje em dia”⁵. Evidenciando assim que “o processo de compreensão consiste em aproximar o que se quer saber, daquilo que já se sabe, um encadeamento de diversos signos que por sua natureza semiótica e, portanto ideológica é fruto da interação social” (BAKHTIN, 1992:9-47).

Ao mesmo tempo, mesmo com um pouco de dificuldade com o vocabulário, e principalmente com os conceitos históricos, durante o debate os estudantes não só se apropriaram destes conceitos como souberam utilizá-los com bastante propriedade, ou seja, a partir da leitura dos materiais em conjunto com as aulas ministradas, os alunos conseguiram expor suas ideias ao mesmo tempo em que as enriqueciam. Observamos também que os alunos realmente estudaram o material que havíamos dado para eles, parte dos alunos construiu muito bem seus argumentos. Alguns alunos disseram que não se restringiram apenas ao material dado para o debate e foram buscar outras fontes para se preparar para o mesmo.

Ainda que os alunos muitas das vezes se perdessem em seus argumentos, pois por vezes se preocupavam muito mais em questionar o outro grupo do que argumentar a favor do seu, pois “a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN, 1992:9-47). Assim os alunos tentaram por em questão tudo aquilo que haviam estudado, aprendido e trazido de sua realidade, de maneira que alguns acabavam por vezes argumentando algo muito parecido com o que havia sido falado por algum colega do grupo opositor.

O debate incentivou os alunos a exporem suas ideias e argumentos, auxiliando no esclarecimento e organização destas. Na prova e no trabalho escrito que a professora pediu posteriormente à atividade do debate, tanto na conclusão do trabalho pedido como na questão da prova que se referia à opinião desses sobre a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, a maioria dos alunos soube se expressar, argumentar e desenvolver bem a questão, porém dessa vez através da escrita, pois segundo Marcuschi e Dionísio “a escrita e a oralidade não estão nunca em competição, e sim são atividades discursivas complementares” (MARCUSCHI, 2005: 15-45), ficando clara esta experiência quando notado na maioria das expressões escritas de alunos, seja esta em prova ou trabalho, argumentos utilizados e debatidos em júri simulado.

⁵C.E. Dr Adino Xavier em 13/06/2012. Registro escolar: Caderno de campo.

“O meu grupo no debate foi a estratégia, e eu acho que realmente foi uma estratégia que D. João teve para vir ao Brasil, pois se fosse uma fulga D. João não teria trazido a corte portuguesa, sua família, 15 mil pessoas em quatorze navios, trazendo suas riquezas, documentos, bibliotecas, e coleções de arte. Se realmente fosse uma fuga ele só levaria sua pele e de sua família não traria com sigo a corte, e mais 15 mil pessoas. Se os navios foram perdidos no mar? Sim foram, mas como todo plano também teve sua falha os navios foram perdidos porque antigamente não existia a tecnologia de hoje e D. João sabia que ia se dar bem no Brasil ...”⁶

“Na minha opinião um pouco dos dois a Corte fez vários planos e estratégias tentando arrumar um melhor jeito para sair de Portugal. Por mais que eles tinham saído as pressas eles poram em prática muitas estratégias feitas antes da “fulga” pois mesmo tendo planos, nada sai como planejado por isso eles tiveram tantas dificuldades na viagem e deixaram algumas coisas para trás.”⁷

Na transcrição da resposta do aluno pode-se notar que apesar da dificuldade que este demonstrou em elaborar sua frase escrita, só a partir do debate, o aluno pôde transcrever seus argumentos, pois durante a atividade a oralidade tornou-se essencial e como já foi dito, esta dá suporte e auxilia também na transmissão de ideias a partir da escrita. Assim o aluno do primeiro exemplo utilizou-se de um dos argumentos principais da aula em que se comparava a questão da tecnologia presente da realidade deles com a do passado como mostrado em transcrição 3 de juri simulado em artigo, como maneira de comprovar que a vinda da família real foi uma estratégia. Porém no segundo exemplo diferentes alunos utilizaram-se do argumento que “apesar de ter sido uma fuga, ouve sim estratégia” para defender-se dos argumentos advindos do outro grupo durante o juri simulado. Isso demonstra que o aluno elaborou a resposta de sua questão escrita a partir do que foi dito no decorrerdo debate e também de uma aula anterior ao debate, onde a profa. Maria José expos para os alunos que Portugal alguns anos antes, já havia elaborado um plano para vir para o Brasil, como mostrado em transcrição 2 de debate acima. Ressaltando mais uma vez o fato dos alunos se apropriarem das falas da professora durante as aulas, para então complementar, elaborar e

⁶Transcrição da resposta de aluno em trabalho realizado em Junho de 2012 após júri simulado.

⁷Transcrição da resposta de aluno em uma prova realizada em Junho de 2012 após o júri simulado.

enriquecer suas próprias argumentações, contudo a partir deste momento através das normas escritas e com auxílio de argumentos individuais passando assim a partir de Juri alunos a constituir segundo Helenice Rocha “uma bagagem, que estes mobilizaram para estabelecer novos significados” (ROCHA, 2010: 121-142).

Com o objetivo de auxiliar alunos do segundo ano do ensino médio na disciplina de História, posto que estes demonstrassem dificuldades em verbalizar e elaborar respostas pessoais realizamos a atividade de Juri simulado, que veio a contribuir como forma de estimular a apropriação e expressão desses alunos, como observadas em análises que expusemos. Que embora limitadas pelo escopo deste artigo, mostraram resultados interessantes.

A partir do momento que os alunos descobriram que poderiam ter diferentes visões sobre o mesmo fato desde que auxiliados por embasamento teórico e estimulados através de atividade e interação social a expressar suas opiniões, a atividade foi uma forma de incentivá-los a expor seus conhecimentos adquiridos (fosse por meio das aulas de História, dos documentos cedidos pelos bolsistas para a atividade em questão ou pelo conhecimento adquirido pelos alunos no seu dia-a-dia). Foi observado também que as apropriações feitas por eles da professora, por exemplo, não mais serviam como um mero ponto de reprodução, mas sim como ponto de partida para sua própria opinião, visualizando assim o que Wilbert J. Mc Keachie vê segundo Bordenave e Pereira, como um dos principais pontos positivos dos grupos de discussões que é “dar aos estudantes oportunidades de formular princípios com suas próprias palavras e sugerir aplicações para esses princípios” (BORDENAVE e PEREIRA, 1989: 133-181).

Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Hucitec, São Paulo, 1992.

BORDENAVE, Juan Díaz e PEREIRA, Adair Martins. Capítulo VII: Como incentivar a participação ativa dos alunos. In: *Estratégias de Ensino Aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1989.p. 133-181



10

COLL.C e ONRUBIA. J. A construção de significados compartilhados em sala de aula: atividade conjunta de dispositivos semióticos no controle e no acompanhamento mútuo entre professor e alunos. In: COLL.C e EDWARDS, D. (Orgs). **Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1992. p. 75-105.

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz e CAMPOS, Helena Guimarães. **Estudos de História**. 1.ed.- São Paulo: FTD, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio e DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

ROCHA. Helenice A. B. **A escrita como condição para o ensino e aprendizagem de história**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 60, p. 121-142, 2010.

TRINDADE, Rui e COSME, Ariana. **Escola, educação e aprendizagem: desafios e respostas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.